

Reflexões sobre Saúde e Educação Física Escolar: a visão dos professores

Reflections on the relationship of the subject Health and Physical Education: a vision of teachers in schools.

Claudia Cristina Pacífico de Assis Guimarães¹
Marcos Garcia Neira²
Marília Velardi³

¹ Mestre em Educação Física. Universidade São Judas Tadeu, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

² Doutor em Educação. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação.

³ Doutora em Educação Física. Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Submetido em 21/09/2015

Revisado em 12/11/2015

Aprovado em 21/11/2015

Resumo: O objetivo deste artigo é ampliar as discussões e reflexões sobre a relação entre o tema Saúde e a Educação Física (EF) escolar, apresentando a compreensão de professores de EF sobre os conceitos de Saúde, EF e Promoção da Saúde, bem como as possíveis relações entre eles. Utilizamos uma entrevista aberta para nortear os diálogos. Após a compreensão dos discursos produzidos, verificamos que ocorrem divergências entre as falas, especialmente em relação aos significados atribuídos aos conceitos de EF e que os professores percebem uma relação linear entre as possibilidades da EF e a Promoção da Saúde. Concluímos que é premente o fomento de debates sobre a forma como essas relações vêm sendo tratadas na atualidade, além de criar formas de acesso dos professores à produção científica recente sobre o tema, para que seja possível uma discussão consistente sobre as questões da Promoção da Saúde na EF escolar.

Palavras chave: Educação Física. Significados. Promoção da Saúde. Professor.

Abstract: (The purpose of this paper is to extend the discussions and reflections on the relationship between the themes of Health and Physical Education, presenting the understanding of physical education teachers on these topics and Health Promotion, as well as possible relationships among them. We used open interviews to guide the dialogues, and found that the meanings attributed to the concepts of Physical Education diverged among interviewees, and that teachers perceive a linear relationship between the possibilities of Physical Education and Health Promotion. We conclude that there is an urgent need for in-depth debates over how these relationships are being treated today and on how teachers access up-to-date scientific literature on the subject, to foster consistent discussions on the issues of Health in Physical Education.

Keywords: Physical Education. Meanings. Health Promotion. Teacher.

Introdução

Pensando que, apesar de a Educação Física ser considerada um componente curricular pertencente à área das Linguagens e, naturalmente subordinada às ideologias da Educação as quais regem o âmbito escolar, acreditamos que uma das suas tarefas deva ser a criação de meios que favoreçam aos educandos a compreensão crítica das suas condições de saúde, o que pode ser mediado pelas práticas corporais e pelas relações interpessoais recomendadas pelo processo educativo. Consideramos que é de suma importância discutir na escola as relações estabelecidas entre Saúde e Educação Física, devido à histórica proximidade dos objetos de conhecimento envolvidos. Além disso, a preocupação e a responsabilidade na valorização de conhecimentos relativos à construção da autoestima, ao cuidado do corpo, aos princípios da atividade física e das práticas corporais, à nutrição, à valorização dos vínculos afetivos, à negociação de atitudes e todas as suas implicações para a saúde são compartilhadas e constituem um campo de interação na atuação escolar que devem ser consideradas de forma coletiva e reflexiva pelos professores de Educação Física na elaboração de suas propostas pedagógicas.

A Educação Física Escolar vem sendo abordada em diversas propostas curriculares, quer seja em nível federal, estadual ou municipal. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997, 1998 e 1999), a Proposta Curricular de Educação Física (PC) (SÃO PAULO, 2008) e as Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem – Educação Física (SÃO PAULO, 2007) em comum, apresentam como objeto de ensino do componente a cultura corporal.

Tanto os PCN quanto o PC partem da noção de cultura herdada da Antropologia e compreendem como cultura corporal “a parcela da cultura geral que abrange algumas das formas culturais historicamente em construção, tanto no plano material quanto no simbólico, mediante o exercício da motricidade humana – brincadeira, esporte, ginásticas, dança, luta etc.”

(BETTI, 2009, p. 63). Já a proposta municipal, embora adote a mesma terminologia parte da concepção de cultura fundamentada nos Estudos Culturais. Nesse caso, as práticas corporais são elaboradas em meio a relações de poder que influem não só no seu formato atual, como também nos significados que lhes são atribuídos (NEIRA, 2011).

Nas propostas federal e estadual, diversos conhecimentos alusivos ao corpo, seu funcionamento e tratamento foram transformados em conteúdos de ensino visando a aquisição e manutenção de bons níveis de saúde, respeitando-se as características de cada comunidade. As orientações municipais consideram que as questões alusivas à saúde deverão emergir mediante a tematização das manifestações corporais, considerando-se as diferentes representações culturais mobilizadas. Enquanto no primeiro caso, o Ideário da Promoção da Saúde é objetivamente abordado, no segundo, ele é problematizado como um discurso imbricado na prática de atividades físicas. Mesmo que a abordagem e os objetivos se mostrem distintos, a importância do tema e sua articulação com a cultura podem ser percebidas diante do espaço destinado nos diferentes currículos.

A presente pesquisa baseia-se na premissa de que o ideário da Promoção da Saúde é um importante mediador para as discussões da Educação Física Escolar. Vale lembrar que diferentemente da ideia tradicionalmente vinculada à saúde advinda da perspectiva preventiva, essa visão considera que a saúde não é um estado de equilíbrio perfeito, mas um jogo dinâmico entre a fisiologia, o ambiente, a cultura e as estratégias de intervenção articuladas pela sociedade. Por isso, acreditamos que há urgência, dentro do campo da saúde, de uma educação centrada na diversidade cultural.

As concepções de saúde que se fundamentam no ideário da Promoção da Saúde vêm sendo problematizadas nas Conferências Internacionais de Promoção da Saúde, favorecidas pela Organização Mundial de Saúde as quais proporcionam, desde 1986, importantes discussões para reflexões sobre o

Ideário da Promoção da Saúde. Tais reflexões tomam como base as questões de Saúde emergentes em localidades com diferentes níveis de desenvolvimento socioeconômico, buscando aprofundar diálogos e compartilhamento de estratégias que visem o desenvolvimento da saúde das pessoas. Dentre as estratégias consideradas coerentes com o Ideário da Promoção da Saúde,* importante destaque tem sido dado à prática educacional participativa, que se utiliza do diálogo para o entendimento da sua realidade, e que cria mediações capazes de levar as pessoas envolvidas nas práticas à identificação dos seus problemas e estimulando o desenvolvimento de visões críticas sobre os contextos de vida das pessoas.

Embora as relações entre a Educação Física e a Saúde apoiada no Ideário da Promoção da Saúde pareçam atender a uma lógica democrática e dialógica, há certa dúvida sobre a compreensão dos professores o que, em última análise, interfere no modo como atuam nas suas aulas. O presente artigo relata um estudo que investigou a compreensão de professores de Educação Física de uma unidade escolar sobre as suas noções de saúde, de Educação Física e de Promoção da Saúde, bem como das relações entre eles.

É interessante notar que as três propostas curriculares oficiais das esferas governamentais destoam do tradicional predomínio de vivências corporais durante as aulas e conferem um papel relevante à aprendizagem de conceitos na Educação Física. Foi Shulman (1986), um dos primeiros a destacar a importância desse tipo de conhecimento para o exercício da tarefa pedagógica. Mizukami (2004), a principal difusora da sua obra no Brasil, afirma ser “importante que o professor não só aprenda os conceitos, mas que os compreenda à luz do método investigativo e dos cânones de ciência assumidos pela área de conhecimento” (p. 06).

Na ótica de Shulman (1986), o professor deve possuir uma profunda compreensão dos conceitos a serem ensinados, além de um bom conhecimento das possibilidades representacionais que eles possam ter,

considerando aspectos específicos dos contextos em que leciona e das pessoas que frequentam a escola em que atua. Grant e Wieczorek (2000) ampliam essa noção quando atribuem relevância à ancoragem social dos conhecimentos durante a ação docente. O que significa dominar o percurso histórico do que se quer ensinar.

Os professores não podem, explica Mizukami (2004), possuir uma compreensão intuitiva ou pessoal dos conceitos a serem ensinados. Embora uma visão pessoal seja necessária, ela não é condição suficiente para efetivação da tarefa educacional. A organização e desenvolvimento de uma ação educativa efetiva implica no domínio conceitual do objeto de ensino, bem como das suas relações com aqueles conhecimentos que possam oferecer interfaces.

Método

Para compreender os conceitos de Saúde, Educação Física e Promoção da Saúde que influenciam as ações dos professores de Educação Física de uma instituição escolar, realizamos uma Pesquisa Participante. A Pesquisa Participante pode ser definida como uma investigação social que busca a plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade. Conforme Brandão (1990) trata-se de uma atividade educativa de investigação e ação. Por isso, o estudo de realidade vivida por esses professores de Educação Física e sua percepção sobre a mesma constituíram o ponto de partida e a matéria-prima do processo educativo. O presente artigo apresenta e discute os resultados obtidos em uma das fases da pesquisa, ocasião em que foram reunidas informações fundamentais para o desenvolvimento das ações.

Como convém à Pesquisa Participante, a entrevista foi um dos instrumentos utilizados na investigação, contando com a colaboração dos cinco professores de Educação Física de que atuavam na escola *locus* que pertence à rede privada de ensino, no município de Guarulhos – SP. Vale

ressaltar que, devido ao fato da Pesquisa Participante se estabelecer com base na relação dialógica, os pesquisadores e pesquisados são atores da pesquisa, sendo sujeitos que, a partir de suas escolhas, crenças, anseios e conhecimentos, objetivaram compreender a dinâmica escolar a partir do Ideário da Promoção da Saúde e os caminhos para o enfrentamento pedagógico do fenômeno da obesidade.

Para apresentar dos resultados dessa entrevista, as gravações em áudio foram transcritas e submetidas à análise temática mediante o confronto com referenciais teóricos da Promoção da Saúde, da Educação Física e das Teorias Educacionais. Os nomes fictícios dados aos professores – atores da investigação – foram designados de forma aleatória. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu sob protocolo nº 069/2008.

Resultados e Discussão

As diversas visões de Saúde

A partir do significado atribuído, percebemos a diversidade de entendimentos do conceito de saúde entre os entrevistados, o que mostra e justifica o caminho escolhido por eles quanto a estratégias de ensino e objetivos pretendidos. Ao analisar as respostas, observamos que alguns professores possuem uma noção de saúde centrada no controle da enfermidade: “É a pessoa estar se sentindo bem, não ter doenças, você fazer as coisas do dia a dia sem sentir dor, sem problema nenhum, dormir bem, conseguir trabalhar bem, você estar com saúde” (Professor Donato¹).

Com esse discurso, o professor demonstra uma relação causal entre saúde e doença, ultrapassando a dimensão biológica da saúde quando associa saúde a não ter doenças. Essa definição foi discutida amplamente por Buss

¹ Todos os nomes são fictícios, em respeito às questões éticas estabelecidas pelo *Comitê de Ética em Pesquisa* da universidade que sediou a pesquisa.

(2003, p. 15), quando ele afirma que a “doença se constitui a partir de uma redução do corpo humano, pensando a partir de constantes morfológicas e funcionais, as quais se definem por intermédio de ciências como a anatomia e fisiologia”.

Percebemos, nesse caso, o profundo desconforto desse professor com as questões da doença. Isso reflete a situação real vivenciada naquele momento, pois o docente havia passado por um processo cirúrgico que comprometia o seu cotidiano, interferindo no seu modo de pensar e agir. Essa constatação mostra o quanto é importante compreendermos a realidade, o que se passa com cada um dos atores de uma pesquisa, o seu contexto, as suas angústias e seus desejos, pois isso interfere, sem dúvida, em seu ato pedagógico. Portanto, consideramos que as pesquisas deveriam ampliar o modo de enxergar as ditas “amostras” e adotar uma forma humanista de discutir os resultados.

No depoimento de César, transparece uma associação entre a saúde e a conduta individual: “Saúde é quando a pessoa tem hábitos saudáveis, a pessoa que tem não só aspectos fisiologicamente físicos dentro da normalidade, mas para gerar saúde tem que ter os hábitos que gerem essa saúde. Uma pessoa que vive dentro da normalidade fisiológica”. Esse depoimento nos remeteu aos escritos de Carvalho (2004), quando revela a direção de pensamento de muitos profissionais da área da saúde ao considerar como uma “debilidade do modelo explicativo da promoção à saúde [...] a excessiva ênfase em intervenções behavioristas” (p. 670), uma visão comportamentalista, que contribui para o surgimento do conceito de “culpabilização das vítimas”. Nesse caso, os indivíduos são responsáveis pelos problemas de saúde que enfrentam, mesmo que as causas estejam fora de sua governabilidade.

Simultaneamente, observamos o tratamento de saúde como uma “normalidade fisiológica”. Mudado Maletta (1988), ao discutir o binômio

saúde-doença, nos auxilia a interpretar a concepção veiculada pelo participante do estudo

[...] do ponto de vista fisiológico, a saúde se concebe como estado de harmonia e equilíbrio funcional que se traduz por um silêncio orgânico. Em medicina a palavra ‘normal’ se usa corretamente como sinônimo de saúde. A palavra ‘normal’ se define como a média ou o que não se desvia de certo nível médio. Existe uma variação do normal com respeito às atividades fisiológicas medíveis e também com respeito aos estados físicos, mentais e emocionais não medíveis (p. 14).

Por outro lado, o significado de saúde veiculado pelos professores Amir e Bruno se coaduna com o estabelecido na declaração da Conferência de Alma-Ata², de 1978, na qual se define saúde como um estado completo de bem-estar físico, mental e social (BRASIL, 2002): “Saúde é o completo bem-estar físico, mental e social, é não estarmos doentes” (Professor Amir); “Saúde é o completo, as questões sociais” (Professor Bruno).

Tanto a literatura científica, quanto as entidades dedicadas ao tema modificaram os significados atribuídos ao conceito de saúde de acordo com as necessidades de adequação às transformações sociais. Segundo a Carta Ottawa, além da definição proposta na Declaração de Alma-Ata, “os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver” (BRASIL, 2002, p. 19). Conceituada de forma positiva e dinâmica, atualmente a saúde sofre influências de questões políticas, sociais, econômicas, culturais, ambientais, comportamentais e biológicas.

² As ideias descritas no Informe Lalonde ganharam força e acabaram por influenciar a I Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde realizado, em 1978, pela Organização Mundial de Saúde e United Nations Children’s Fund (UNICEF), em Alma-Ata (ex-URSS), em que se propunha também alcançar a meta *Saúde para todos no ano 2000*. Esse evento foi o mais significativo para a saúde pública em termos mundiais (BUSS, 2003; PELICIONI, 2006).

Embora o professor Amir tenha mencionado o caráter físico, mental e social, aproximando-se da posição oficial, cai em contradição quando afirma que saúde “é não estarmos doentes”, revelando uma influência behaviorista:

[...] tem-se definido a saúde como o oposto de doença. Isso implica considerarem-se os pontos extremos de uma e outra, separados por limites nítidos, o que não é verdade. Além disso, ela não especifica o que é saúde e, sim o que não é saúde, resultando na necessidade de se caracterizar a doença. Trata-se de uma abordagem muito restrita em propósitos operacionais, e durante muito tempo foi adotada pelos profissionais da área da saúde (MUDADO MALLETA, 1988. p. 99).

Já o professor Bruno não evidencia todas as dimensões determinantes do conceito de saúde, mas apresenta um discurso que se distancia das questões fisiológicas, visto que não relaciona a saúde apenas à doença e vê as questões sociais como fatores determinantes para a saúde. O professor Edvar parece compartilhar essa ideia quando conceitua: “Saúde não seria só ausência de doenças, seria uma saúde mental, você estar bem com alguma coisa, estar bem com você mesmo”. Observamos que esse professor também não considera a doença como um fator determinante para a saúde, mas explicita a dimensão comportamental como justificativa para conceituá-la.

As noções manifestadas pelos docentes, em certa medida, podem ser atribuídas às suas trajetórias formativas. O ponto de vista fisiológico, segundo Neira (2009), é predominante nos currículos da Licenciatura em Educação Física, o que contribui para uma formação profissional simpática à concepção biomédica. Isso sinaliza a importância de se investir na elaboração de currículos focados no Ideário da Promoção da Saúde.

Com base nos depoimentos mencionados, apoiamo-nos em Mizukami (2004) para ressaltar a necessidade de os professores acessarem os conceitos discutidos na comunidade científica para que possam ressignificá-los contextualmente na sua comunidade. A saúde deve ser discutida não só dentro dos padrões científicos claramente estabelecidos, mas também por

intermédio de uma reflexão que contribua para a construção e reconstrução de novos significados culturalmente aceitos.

A construção de um novo conhecimento se torna importante na medida em que os indivíduos necessitam compreender a amplitude do tema, o que favorecerá uma postura crítica sobre os fatores determinantes da saúde, levando-os ao *empowerment*³. Apoiados em Shulman (1986), defendemos a ideia de que o fato dos professores não apresentarem uma visão ampla sobre saúde dificulta as ações de promoção da saúde na escola, que visam formar alunos capazes de refletir sobre os valores, a situação social e o modo de vida que favorecem a saúde.

As diversas visões de Promoção da Saúde

Somente a partir da Carta de Ottawa⁴, o conceito de Promoção da Saúde passa a ser entendido como “o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo” (BRASIL, 2002, p. 19). A Promoção da Saúde é uma estratégia que busca modificar as condições de vida para que sejam dignas e adequadas. Aponta para a transformação dos processos individuais de tomada de decisão que favorecem a qualidade de vida e a saúde e orientam sobre o conjunto de ações e decisões coletivas (BUSS, 2003).

Verificamos distanciamentos e aproximações nos significados do termo expressos pelos professores e o conceito proposto pela comunidade científica. “(Promoção da Saúde) é conscientizar a família e o aluno que ele tem quer ter uma boa qualidade de vida e isto parte sobre a importância da saúde dele” (Professor Amir). A ênfase especial é dada, nesse caso, à conscientização do

³ *Empowerment* pode ser definido como uma ação social que promove a participação de pessoas, organizações e comunidades em ganhar controle sobre suas vidas, tanto na comunidade como na sociedade como um todo, para melhora da qualidade de vida em comunidade e justiça social (WALLERSTEIN; BERNSTEIN, 1988).

⁴ Documento publicado na I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa, Canadá, em novembro de 1986.

aluno e de seus familiares. Apesar de o discurso não deixar explícito que a promoção da saúde ocorre por meio de um processo de capacitação, o professor parece utilizar o termo “conscientizar” como “ação fundamental” que, de certo modo, aproxima-se do valor educativo que a Promoção da Saúde propõe, indo, também, ao encontro ao pensamento de Freire (1987), quando ressalta que a conscientização somente se dá por meio de um processo educativo vinculado a um compromisso social.

Outras características podem ser visualizadas nas concepções veiculadas pelo professor César: “Na Educação Física, a grosso modo, como a gente falou anteriormente, promover a saúde é estimular nossos alunos; fazer uma conscientização com as crianças, por exemplo: qual a importância da atividade nesse combate das doenças, que por ventura, vem por falta, de repente, de falta de atividade física, de má qualidade de vida e hábitos alimentares. [...] se a meta da escola na Educação Física é promover saúde, cabe à Educação Física trabalhar neste contexto, porque a saúde está relacionada aos conteúdos da Educação Física, então se a escola é promotora de saúde tem que zelar pela qualidade de vida de seus alunos”. Ao mesmo tempo que atribui ao componente curricular Educação Física e à escola o papel de promover a saúde, sua fala relaciona o combate às doenças com a conscientização da falta de atividade física, da má qualidade de vida e de hábitos alimentares. Observa-se o enfoque na prevenção de doenças, neste caso, estabelece-se a relação causa-efeito entre atividades físicas e doenças, objetivando principalmente a mudança de comportamento individual. Isso se distancia das ideias de Promoção da Saúde relatadas por Silva Junior (2007 p. 62):

O processo de capacitar as pessoas, educando-as para ter escolhas mais saudáveis e assim adquirir um estilo de vida que condiga com suas necessidades é a ideia fundamental deste processo, o indivíduo deve ser protagonista atuando de forma participativa para decidir com autonomia sobre determinadas situações.

Um aspecto importante nesse depoimento foi quando buscou na Promoção da Saúde o embasamento para ‘o fazer educativo’ em Educação Física, atribuindo à escola um papel importante na qualidade de vida dos alunos. Entretanto, vale a pena salientar que a qualidade de vida é determinada por múltiplas dimensões e o seu caráter idiossincrático. O professor Donato também estabelece como conceito de promoção da saúde as questões em torno da atividade física. Segundo o entrevistado, a Promoção da Saúde está associada a conceitos a serem ensinados, focados na prevenção de doenças: “Eu acho que é passar conceitos sobre cardiorrespiratório, sobre força, flexibilidade, e ensinar hábitos saudáveis como alimentação, sono e coisa que façam que você tenha uma prevenção maior contra as doenças. Orientar sobre alimentação que eu acho que é básico, porque acho que hoje as crianças são muito obesas, uma orientação para os alunos e para os pais e eu acho que tem que trabalhar uma parte teórica sobre como se alimentar, como se vestir numa atividade física, porque realizar uma atividade física”.

Note-se que o depoimento explora a promoção da saúde como sinônimo de prevenção de enfermidades. Tal confusão entre os dois conceitos, de acordo com Buss (2003 p. 34),

[...] advém da grande ênfase em modificações de comportamento individual e do foco quase exclusivo da redução de fatores de risco para determinadas doenças, vigentes em certos programas intitulados de promoção da saúde. Este foco sobre o indivíduo e seu comportamento tem sua origem na tradição da intervenção clínica e no paradigma biomédico.

Diferentemente disso, a promoção da saúde se apresenta como um rol bastante amplo de estratégias integradoras e intersetoriais de mediação entre as pessoas e seu ambiente, combinando as escolhas individuais com responsabilidade social pela saúde (BUSS, 2003).

Com a intenção de conceituar Promoção da Saúde, o professor Edmar argumentou a favor de alguns métodos específicos de Promoção de Saúde: “É

fazer atividade física, boa alimentação. Deveria incentivar os alunos e os profissionais do meio a servir de exemplo, a se alimentar e fazer uma atividade. Acho que só isso. Isso mostrando para os alunos tomando como exemplo para poder fazer igual”.

O docente deixa claro que a melhor forma de educar é através do exemplo. Nesse caso, a consolidação do processo educacional está intrinsecamente ligada à figura do professor de Educação Física como um exemplo de pessoa ‘saudável’ e ‘fisicamente ativa’. Uma posição que pode ser considerada contrária a que se propõe na educação em saúde. Manifestando uma perspectiva semelhante, quando questionado sobre o que seria Promoção da Saúde, o professor Bruno descreveu uma possível estratégia para resolver as questões dos hábitos alimentares e procurou atividades que privilegiem a informação: “Você promover situações que trabalhem com as questões da saúde, por exemplo, uma escola para focar a promoção da saúde deveria primeiramente ver a cantina, e até no início de ano algum comunicado, palestra com nutricionista, porque o grande problema é a alimentação e nem tanto o movimento”.

Caso aceitemos que para desenvolver estratégias pautadas na Promoção da Saúde, os professores devem compreender o significado epistemológico do termo, além de possuírem uma formação pedagógica consistente, o primeiro passo consistirá em distinguir o conceito e estratégia. De acordo com Santos (1998, p. 167) “a formação de conceito é um processo complexo que se encontra na base de outros processos de pensamento” e o grande desafio, nesse caso, é utilizar, de forma consciente, produtiva e racional, o potencial de pensamento, isto é, pensar e tornar-se consciente das estratégias de aprendizagem às quais pode recorrer para construir e reconstruir os conceitos científicos.

Notadamente, é preciso avançar não só na aquisição do conhecimento sobre o conceito de Promoção de Saúde, mas também nos aspectos

pedagógicos que envolvem esses conceitos. Tal observação nos conduziu à análise da visão dos professores de Educação Física, bem como à relação que fazem com o termo Saúde e Promoção da Saúde.

As diversas visões de Educação Física

Ao analisar o discurso dos professores, levamos em consideração as tendências pedagógicas da Educação Física, descritas por Bracht (1999). Dentre os fatores que as distinguem, encontram-se os estofos teóricos que subsidiam (psicobiologia e ciências humanas), a eleição de objetos de ensino (aptidão física, movimento e cultura corporal) e a ação didática propriamente dita. Por tais razões, verificamos sua influência na formação das diversas visões que integram o repertório dos professores.

Quando questionado sobre o significado da Educação Física escolar, o professor Amir assim se posicionou: “Continua sendo Educar os movimentos. Aí dentro do esporte você educa os movimentos só que numa escala coerente, onde o primário (ensino fundamental I) trabalha mais com coordenação motora, que é o fundamental (ensino fundamental II), agilidade, mesmo fora do ambiente escolar. A Educação Física já diz educar os movimentos você pode mudar os movimentos das crianças até os mais velhos. O que é isso: é habilidade motora dentro do esporte, dentro de uma caminhada, seja lá qual for desde que ela esteja fazendo o movimento. E no âmbito não diferencio. De toda forma você educa o movimento. Só que na escola você tem um conteúdo, vai supondo, os alunos do fundamental II dentro do esporte, do fundamental I o esporte adaptado, mais coordenação etc., e no ensino médio dentro da técnica onde você não deixa de educar o movimento dele”.

Ao expressar-se, dessa forma, entendemos que o professor apresenta uma visão psicobiológica do componente, pois utiliza estratégias de aprendizado que podem ser apropriadas individualmente ou por faixa etária.

Justifica desse modo o atendimento das necessidades dos alunos e prioriza o comportamento motor, pois objetiva educar o movimento e pouco considera o contexto social e cultural. Essa forma de significar o conceito de Educação Física alinha-se ao trabalho de Gallahue e Donnelly (2008), quando afirma que “a Educação Física Desenvolvimentista reconhece a relação entre os requerimentos específicos da tarefa do movimento, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente de aprendizado na promoção de controle motor e competência do movimento” (p. 12).

Tal como observado na fala do entrevistado, os autores afirmam que as habilidades de movimentos fundamentais são progressivamente refinadas e posteriormente aplicadas aos esportes e às atividades recreativas. Com a mesma perspectiva, segue o posicionamento do professor Edmar: “É educar a pessoa a se movimentar de uma maneira correta. E no contexto escolar é educar uma pessoa a gostar ou praticar uma atividade física ou movimento ou ensinar a se locomover. A Educação Física se direciona ao movimento”.

Alguns dos participantes do estudo, porém, externaram concepções do componente que misturam fundamentos psicobiológicos e das ciências humanas: “A Educação Física é uma disciplina que estuda o corpo e o movimento corporal, trabalha os aspectos sociais, cognitivos e afetivos, além de trabalhar com a questão do movimento inserido no contexto do esporte e de outras coisas mais”.

Ao considerar os aspectos sociais, cognitivos e afetivos, o depoente revela uma noção do componente como meio educacional, como uma atividade que colabora para o desenvolvimento de aspectos comportamentais do indivíduo, desconsiderando a inserção histórica e política das práticas corporais. Visão idêntica foi manifestada pelo professor Bruno, quando se referiu ao papel da Educação Física no Ensino Fundamental: “uma área de movimento e através do movimento atinge seus objetivos que seja autonomia, criatividade, aprendizagem de movimento, cognitivo, promoção de saúde e

atividade física para a vida. Eu divido em fases: as fases mais iniciais infantis e fundamental I com foco na aprendizagem pelo movimento e desenvolver várias qualidades, muitos valores e atitudes, como relacionamento, trabalho em equipe, resolução de problemas, tomada de decisão. No fundamental II é uma fase de transição onde eles continuam tendo essas atividades mais mudam o foco e o foco deles onde temos que mudar juntos”. Consideramos que esse professor não estabelece o ‘movimento’ como o objetivo final de sua prática docente e sim como um meio para desenvolver princípios básicos da educação, que extrapolam as especificidades da área de conhecimento em questão.

Dentre os autores que colaboraram para a disseminação dessas ideias, destaca-se Le Boulch (1986), para quem a Educação Física é uma forma de proporcionar a estruturação das funções e habilidades que perdurarão ao longo da vida, proporcionando a base para o desenvolvimento dos comportamentos necessários para atuação no mundo.

Ao abordar a função do componente no Ensino Médio, o professor Bruno manteve uma posição aproximada: “E o médio onde eles têm que começar a conhecer os benefícios da atividade física e usar toda a bagagem que eles aprenderam com resolução de problemas como lidar com situações difíceis e aplicar isso quando eles forem maiores, extrapolando um pouco só a atividade física, são situações que eles aprendem a resolver e transferem o conhecimento para outras atividades, fora do âmbito escolar até”. Como se nota, o docente atribui aos alunos a responsabilidade de transferir os conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física para a resolução de problemas do seu cotidiano tanto no âmbito escolar como fora dele.

Por outro lado, o professor Donato salienta que: “A Educação Física é atividade física orientada. Na escola é uma educação física que faça que os alunos conheçam o corpo e possam, no futuro quando sair da escola, cuidar do próprio corpo então, sem dizer que você está ensinando cidadania, está

ensinando o aluno a virar um cidadão mais completo”. Apesar de não explicitar a concepção de cidadania que utiliza, o professor demonstra, em seu discurso, uma preocupação com a formação do cidadão. Além disso, suas ideias se aproximam das tendências psicobiológicas, quando propõe uma prática educativa voltada para o conhecimento e o cuidado com o corpo. O que podemos notar a partir das visões de saúde e de Educação Física, é que as noções de corpo veiculadas por esse professor associam-se especialmente à perspectiva biológica.

Os trabalhos de Guedes e Guedes (1998) apresentam como finalidade da Educação Física Escolar a Aptidão Física e afirmam basear-se na Promoção da Saúde, tendo como principais conteúdos os exercícios e ginásticas, objetivando a formação de um indivíduo fisicamente ativo, possuidor de informações sobre nutrição, capacidades físicas, etc. Dessa forma, a Educação Física Escolar passa a influir decisivamente na prevenção de doenças, pois vinculada à atividade física trará melhorias no sistema coardiorrespiratório, cardiovascular, controle da pressão arterial, aumento do tônus muscular, agilidade global, além de proporcionar a sensação de bem-estar e disposição.

Há que se destacar a diferença entre a visão destes autores e a perspectiva do Ideário da Promoção da Saúde. Segundo Farinatti e Ferreira (2006), estes autores se fundamentam nas ideias do movimento da Aptidão Física Relacionada à Saúde (AFRS) para a Educação Física Escolar, que se funda na relação positiva que a prática regular do exercício pode ter com a saúde. Embora avance ao advogar o ensino da aptidão física numa perspectiva permanente, a AFRS defende que a Educação Física escolar leve os alunos a adotarem um estilo de vida fisicamente ativo, o que fomentaria a aquisição e manutenção de níveis elevados.

Essa perspectiva costuma apresentar o aluno como o problema e a mudança de comportamento individual como a solução, exaltando a relação

causal com a saúde. Ao considerar a prática de atividade física como uma forma de prevenção primária de fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis e desprezar as influências dos aspectos sociais, distancia-se claramente do Ideário da Promoção da Saúde.

Por fim, em consequência da análise, destacamos a prevalência de uma noção de Educação Física fundamentada em princípios psicobiológicos que abarcam desde uma visão utilitária do componente como meio para o desenvolvimento dos domínios afetivo, cognitivo e social do comportamento, passando pela aquisição de níveis maduros das habilidades motoras, até o alcance de níveis elevados de aptidão física. Considerando os significados que esse grupo de professores atribuem à Educação Física, é de se esperar que empreendam características distintas ao fazer pedagógico, delineando não somente objetivos, atividades e instrumentos de avaliação distintos, como também, os conteúdos ensinados. Obviamente, a pluralidade de concepções manifestadas precisa ser urgentemente revista uma vez que os respondentes atuam na mesma instituição. Desnecessário dizer que o fato traz consequências para a relação que os educadores estabelecem entre Saúde, Promoção da Saúde e Educação Física.

As diversas visões na interface Saúde, Promoção de Saúde e Educação Física

Um elemento importante e substancial na análise deste trabalho é o conhecimento que o professor apresenta sobre a interface Saúde, Promoção da Saúde e Educação Física. Tendo como pressuposto que os professores gozam da autonomia necessária para planejar e desenvolver as atividades de ensino, indagamo-los acerca das formas de implementação de um programa voltado para a Promoção da Saúde na escola.

“Eu acredito, eu acho que você tem que começar com consciência corporal, porque se ele não conhece o corpo dele não vai sentir a necessidade

de cuidar da saúde. Não é?! Não trabalhando aleatoriamente que ele é gordo ou magro demais e sim conscientizar através da atividade que você está trabalhando e isto parte primeiro do aluno sentir segurança com o profissional que ele está, que está trabalhando com ele, se ele sente segurança ele acredita fica muito mais fácil do trabalho ser desenvolvido” (Professor Amir).

Um aspecto a ser observado é a ênfase dada à conscientização corporal, relacionando a saúde ao conhecimento do corpo em um contexto biológico e estético. Em termos operacionais, o posicionamento obtido aponta a relação professor-aluno como fator preponderante da conscientização, ressaltando a segurança e a credibilidade como elementos articuladores. A noção apresentada não deixa de surpreender, pois a concretização dessa relação somente se efetiva quando o docente atua de forma competente com a Educação em Saúde na Educação Física. Basta verificar que o depoimento não traz explícita a competência do professor em expressar relações significativas entre os conceitos, deixando aparente a importância dada à confiança do aluno no professor.

O professor Bruno aposta nos benefícios intrínsecos do movimento: “Todo movimento bem estruturado bem planejado, traz benefícios à saúde. Princípios de treinamento, estímulo forte vai machucar, estímulo fraco não vira adaptabilidade, desde que seja na faixa de estímulo correto está desenvolvendo toda a parte de saúde, resistência, força, coordenação, mas o que está intimamente ligada à área da saúde é um estilo de vida mais ativa. Passar a visão de que tem movimento num estímulo certo tem saúde, conscientização através disto e das atividades, se eles são conscientes eles executam a atividade, mesmo que o foco da atividade não seja a promoção, seja a resolução de problemas, o trabalho em equipe, seja qual for o elemento, movimento vai estar presente e tendo promoção da saúde. O movimento na Educação Física são poucas aulas, mas eles conseguem extrapolar um pouquinho, tem clube, tem academia que o nosso público aqui frequenta.

Agora o principal é a alimentação e influência, porque você e eu temos a noção de colocar coisas saudáveis no lanche, chega aqui eles estão comendo o isoporzinho (chips), sabe... ele vai deixar de comer a maçã, o pão com queijo e o suco para tomar o copo de refrigerante e comer um salgado”.

O depoimento denuncia uma visão biológica da relação entre Saúde, Educação Física e Promoção da Saúde que, segundo Silva Junior (2007), desconsidera os processos de aprendizagem que poderiam promover mudanças conscientes e a autonomia, além de desconsiderar os diversos determinantes da saúde. Tal pensamento se torna claro ao apresentar o treinamento como um exemplo dessa relação e afirmar que o movimento realizado adequadamente resulta em saúde. É sempre importante retomar a contribuição do estudo de Soares (1994), para quem a atividade física por si só não é saudável, não gera saúde em si, é apenas um elemento, em um conjunto de situações, que pode contribuir para um bem-estar geral.

O professor sustenta a ideia de que o fator preponderante para o aluno realizar atividades dentro e fora do ambiente escolar é a conscientização de que o movimento adequado traz saúde, o que denota certa relação causal e simplista. Reconhecemos nessas ideias o processo de “culpabilização da vítima”, além da desconsideração do acúmulo de conhecimentos sobre a influência que outros fatores exercem na saúde.

O comportamento humano é produto da interação de múltiplos fatores encontrados em muitas facetas biológicas, psicológicas, ambientais e culturais. Especialmente os comportamentos de saúde são influenciados ou até dominados por crenças, expectativas, motivos, valores, percepções, personalidade, estados emocionais, ações e hábitos que se relacionam à manutenção e melhora dos níveis de saúde. Alguns desses fatores podem ter maior relevância para o indivíduo, mas eles nunca agem independentemente (VELARDI, 2003, p. 21).

Na tentativa de estabelecer relação entre Educação Física, Saúde e Promoção da Saúde, o professor identifica nos hábitos alimentares dos alunos

uma força opositora às atividades pedagógicas voltadas à conscientização. Inversamente à concepção manifestada, Garcia (2007) entende que a conciliação entre a responsabilidade do professor em relação ao que precisa ser ensinado e aprendido pelos alunos pode ocorrer através da problematização do que possa ser considerado força opositora.

Na declaração do professor César encontramos indícios de confusão conceitual: “A educação física trabalha em seus principais aspectos relacionados ao movimento que é a cultura corporal, conseqüentemente que se faz com a educação física é estar estimulando a qualidade de vida consecutivamente a melhora da saúde. A Educação Física trabalha no contexto da saúde, pois está relacionado com a questão do corpo”. O destaque dado à Educação Física como agente facilitador da melhoria da saúde contrapõe-se à noção de cultura corporal enquanto objeto de ensino do componente, apresentada por Bracht (1999).

Para o autor, neste caso, a Educação Física buscaria seus fundamentos nas Ciências Humanas. Algo bastante distante das concepções do docente, conforme se pode extrair da seguinte fala: “Não só nós, todo mundo pensa que a Educação Física é só feita pra modelar corpo, seguindo as abordagens de antigamente, tem que fazer alguma coisa pra não ficar obeso, muita gente relaciona esta questão da atividade física que o aluno tem que correr, brincar, jogar futebol, basquete aí ele vai ter uma atividade diária e vai estar combatendo ao mesmo tempo a obesidade; então a Educação Física tem sim sua participação, a gente não pode negar que qualquer atividade que exercite o corpo vai estar num gasto de energia combatendo o sedentarismo, a obesidade ou o que seja” (Prof. César).

É interessante notar que para o entrevistado não diferencia as representações sobre a Educação Física dos professores e do senso comum. Para combater a obesidade, basta a realização de atividades físicas como correr, brincar, jogar futebol, basquete. Trata-se de uma medida bastante

simples, realizar tarefas que exercitem o corpo. Rodrigues (2008) critica a adoção dessas posturas, ao afirmar que:

São práticas em que o corpo é tratado como se fosse algo estranho a nós, que se não for bem tratado pode causar problemas: engordar, adoecer, enrugando, ficar flácido... Trata-se do que se poderia considerar um 'neocartesianismo' em que são dadas a supremacia e a prioridade ao ser cognitivo que 'por acaso' tem de ter um Corpo e agora deve tratá-lo bem para que ele silencie e não interfira. É o conceito de saúde como o 'silêncio do corpo' (p. 25).

No sentido oposto, uma prática que relaciona a Educação Física e Saúde deve tomar como fundamento a compreensão da complexidade do ser humano e da impossibilidade de educá-lo em fragmentos, isto é, separando o intelecto, a moralidade e o físico, para conseguir intervir socialmente na ordem prevalecente visando à sua transformação.

Como podemos observar, ao referenciar saúde nas práticas pedagógicas de Educação Física, os professores, na maioria das vezes, buscam nos aspectos fisiológicos e estéticos a justificativa para a sua intervenção em saúde na escola. É o que se verifica também no depoimento do professor Donato: "Você fazendo exercício, fazendo Educação Física você vai melhorar sua condição de saúde, você vai melhorar sua parte cardiorrespiratória, você vai ter um pouco mais de força para fazer o trabalho do dia-a-dia, você vai ter flexibilidade para realizar este trabalho. Portanto, a Educação Física melhora a condição do indivíduo dele participar da atividade e ter um pouco mais de saúde. A Educação Física Escolar, por ser duas vezes por semana, ela é muito pouco para você desenvolver um condicionamento do aluno. Então, o que você tem que fazer e ensiná-lo a aprender sobre esse condicionamento físico sobre esse cuidar do corpo. Então, a relação é ensinar com que ele cuide do próprio corpo quando na vida adulta. A relação maior é essa, você não consegue com duas aulas por semana condicionar o aluno a ser um organismo melhor com duas vezes por semana".

Como pode ser constatado, o docente repete a causalidade entre atividade física e saúde e simplificação ao relacionar aptidão física e saúde, já apontadas. Tal qual seu colega, desconsidera por completo que “além da aptidão física, existem outras questões que influenciam a saúde individual e coletiva, que vêm sendo ignoradas por parte dos professores na EF, que têm raízes sociais e devem ser consideradas para que amplie o entendimento do papel desta disciplina como veículo de promoção da saúde” (DEVIDE, 2003, p. 140).

Revelando um posicionamento diferente, quando questionado sobre a relação Saúde, Promoção de Saúde e Educação Física, o professor Edmar afirmou: “Eu acho que a atividade física melhora sua saúde, tanto mental, quanto espiritual, quanto física ela te tira de um certo stress e isto para mim tem relação com a saúde. E está mais ou menos ligado com a Educação, a EF vai promover uma habilidade com aluno, conhecimento para o aluno saber o que é bom para ele e ele estar fazendo. Eu acho que a parte social é muito grande. O contexto social é saber viver com outra pessoa”.

Mesmo limitadas às relações interpessoais, as questões sociais ganham importância na fala do entrevistado. No entanto, de acordo com Pilon (1998, p. 14), o contexto social transcende as relações interpessoais e deve ser visto a partir de suas dimensões: “A dimensão social envolve sociedades e culturas que as sustentam, compreendendo organização política, econômica e social, respectivas políticas e ideológicas (hegemônicas ou não), direitos e deveres (cidadania), sanções e recompensas (controle), constitui o espaço público”.

A menção aos benefícios dos campos mental e espiritual, evidentemente, revela uma grande distância daqueles posicionamentos baseados em uma compreensão fisiológica da saúde. Entretanto, essa colocação traz mais um ingrediente que amplia a já denunciada confusão conceitual percebida nos depoimentos. A referência a benefícios mentais e espirituais obtidos por meio da Educação Física denota certa hibridação

discursiva (CANEN; OLIVEIRA, 2002), pois o educador recorre a uma explicação até o momento presente apenas no âmbito popular, para justificar uma ação que deveria estar calcada em princípios cientificamente orientados.

Considerações Finais

No intento de procurar compreender as diversas visões dos professores, a partir de seus discursos, constatamos que ocorrem divergências nos significados atribuídos aos conceitos de Educação Física. Para entender esse fenômeno, utilizamos os dizeres de Neira (2006) ao considerar que essas divergências são atribuídas à diversidade de formação e diferentes oportunidades de contato com teorias e tendências pedagógicas enfrentadas.

A investigação realizada permitiu constatar que os professores possuem uma visão biológica sobre os conceitos de Saúde e Promoção da Saúde, sendo esse último claramente confundido com prevenção de enfermidades. Demonstram, também, que as relações Educação Física/Saúde/Promoção Saúde ainda não estão muito bem estabelecidas.

Jourdan (2008), ao discutir sobre a formação do educador na perspectiva da Promoção da Saúde, durante a 8ª Conferência Europeia sobre Promoção da Saúde e Educação realizada em 2008 na Itália, afirmou que a formação de professores é o ponto central para o desenvolvimento de ações educativas em Promoção da Saúde. Salientou, ainda, que o professor deve compreender a trajetória que deu origem às novas tendências da saúde.

Observe-se que essa noção coincide com as colocações de Shulman (1986) acerca da relevância do domínio conceitual por parte dos docentes e as de Mizukami (2004), sobre a necessária compreensão do processo de produção de novos conhecimentos. Aceitas essas premissas, só nos cabe dizer que a análise dos depoimentos expõe a necessidade de um debate sobre a forma de como essas relações vêm sendo tratadas na atualidade para que os

docentes possam substituir as noções apresentadas por conceitos científicos potencialmente significativos que sustentem a sua prática educativa. Ampliar os debates e reflexões acerca da interface Saúde, Promoção de Saúde e Educação Física torna-se essencial para o desenvolvimento de qualquer programa no contexto escolar.

Entretanto, é importante dizer que os conceitos dos docentes não podem ser concebidos de forma essencialista. Frutos de experiências contextuais refletem visões construídas dialeticamente em meio à socialização cultural. É bastante plausível que ao longo dos anos os professores tenham acumulado experiências educativas formais ou informais que os levaram a interiorizar determinadas ideias, influenciando, conseqüentemente, os conceitos mobilizados durante a ação pedagógica.

Referências

- BETTI, M. Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, ano 19, n. 48, p. 69-88, 1999.
- BRANDÃO, C. R. (org). Pesquisa Participante. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. As Cartas da Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao Acesso em: 01/04/2004.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – Volume 7 – Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º Ciclos – Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.
- BUSS (2003) Uma Introdução ao Conceito de Promoção da Saúde. In: CZERESNIA, D. e FREITAS, C. M. (org) Promoção da Saúde: conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: FioCruz, 2003.
- CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. A. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, p. 61-74, 2002.
- CARVALHO, S. R. Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20(4):1088-1095, jul-ago, 2004.
- DEVIDE, F. P. A Educação Física Escolar como via de Educação para Saúde. In: PALMA, A.; BADRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A. (org). A Saúde em debate na Educação Física. Blumenau: Edibes, 2003.
- FARINATTI, P. T. V.; FERREIRA, M. S. Saúde, promoção da saúde e educação física: conceitos, princípios e aplicações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- GALLAHUE, D. L.; DONNELLY, F. C. Educação Física Desenvolvimentista para Todas as Crianças. 4ª edição. São Paulo: Phorte, 2008.
- GARCIA, O. G. Tempos de tanto desencanto, são tempos de pensar a recriação da escola. Revista de Educação AEC: A práxis de uma educação inédita viável: referenciando Paulo Freire. São Paulo: Salesiana, abr/jun, 2007. n. 143, ano 36, p. 54-65.
- GRANT, C. A.; WIECZOREK, K. Teacher Education and Knowledge in the “Knowledge Society”: the need for social moorings in our multicultural schools, Teachers College Record, v. 102, n. 5, p. 913-935, 2000.
- GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Controle do peso corporal, composição corporal, atividade física e nutrição. Londrina: Midiograf, 1998.
- JOURDAN, D. Teacher training in the field of health promotion. In: 8TH IUHPE European Conference on Health Promotion and Education, 2008, Torino. Anais do 8TH IUHPE European Conference on Health Promotion and Education, 2008.
- LALONDE, M. A New Perspective on the Health of Canadians. A Working Document, Ottawa, 1974.
- LE BOULCH, J. Educação psicomotora. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MIZUKAMI, M. G. N. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L.S. Shulman. Revista do Centro de Educação, v. 29, p. 1-13, 2004.
- MUDADO MALETTA, C. H. Epidemiologia e Saúde Pública. São Paulo: Atheneu, 1988.
- NEIRA, M. G. Educação Física: desenvolvendo competências. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2006.
- _____. Desvelando Frankensteins: interpretações dos currículos de Licenciatura em Educação Física. Revista Brasileira de docência, ensino e pesquisa em Educação Física, Cristalina, v. 1, n. 1, p. 118-140, ago. 2009.
- _____. A reflexão e a prática de ensino - Educação Física. São Paulo: Blucher, 2011.
- PILON, A. F. A construção da qualidade de vida. [Livre Docência – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo]. São Paulo, 1998.
- RODRIGUES, D. Corpo, Técnica e Identidade. In: Os valores e as atividades corporais. São Paulo, Summus, 2008.
- SANTOS, M. E. V. M. Mudança conceptual na sala de aula: um desafio pedagógico epistemologicamente fundamentado. 2ª edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física. São Paulo: SEE, 2008.
- SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações Curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: Ciclo II – Educação Física / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/ DOT, 2007.
- SHULMAN, L. S. Those who understand: Knowledge growth in teaching. Educational Researcher, v. 15, n. 2, p. 4-14, 1986.
- SILVA JUNIOR, A. P. Avaliação de idosos de dois Grupos de Convivência de Marechal Cândido Rondon à luz do ideário da Promoção da Saúde: implicações sobre a elaboração de um programa de educação física. [Dissertação de Mestrado] Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2007.
- SOARES, C. Educação Física: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.
- VELARDI, M. Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vygtsky as reflexões sobre o modelo pedagógico. [Dissertação de Mestrado em Educação Física] Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- VELARDI, M. Pesquisa e ação em educação física para idosos. [Teses de Doutorado em Educação Física] Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- WALLERSTEIN, N.; BERNSTEIN, E. Empowerment education: Freire’s ideas adapted to health education. Health Educ Q.15:379-94, 1988.